

O LIVRO DIDÁTICO REENCONTRA SEU ESPAÇO

Zuleika de Felice Murrie*

1. Reflexões iniciais: perspectivas para o livro didático

O livro didático, apesar das críticas acadêmicas recebidas, nas duas últimas décadas, permanece presente como instrumento de trabalho de professores e alunos. O fato constatado nos permite deixar de lado as polêmicas sobre o objeto em si e destacar as condições de uso dele e as transformações implantadas por políticas educacionais e editoras.

O livro, ou qualquer outro material didático, deve ser compreendido pelo usuário como auxiliar do processo ensino/aprendizagem e não como um instrumento mágico que garanta por si esse processo. Analisaremos aqueles livros relativos ao ensino de Português nas séries iniciais do primeiro grau. É possível um livro que valorize o saber lingüístico do aluno e ofereça várias possibilidades de trabalho com a oralidade, leitura e produção de textos? O objeto mais uma vez perde para a realidade. O professor, este sim, é responsável pela adoção e uso do material de acordo com as necessidades. Se o livro é adequado ou não para uso, quem decide é o professor. Entramos em um terreno mais arenoso. Será que o professor sabe escolher o material adotado para o ensino? Foi preparado para este fim? Quais são os pressupostos teóricos subjacentes à prática de ensino de Português?

Pensemos no seguinte caso: "Pedrinho mora em uma favela e adora jogar bola. É corinthiano roxo! Vive escrevendo o nome do clube em todo e qualquer lugar. Ao chegar à escola, lê a seguinte frase, no livro didático: A babá lava o bebê. O bebê baba. O professor pede que copie a frase dez vezes. Pedrinho nega-se a copiá-la e é taxado de aluno problema."

No universo sociocultural de Pedrinho, a frase proposta para cópia não é significativa, a figura da "babá" é inexistente, entretanto sabe e gosta de escrever o nome do time, dos jogadores. Pedrinho não é garoto problema, mas sim enfrenta na escola uma situação problemática.

Esse caso poderia ser multiplicado por mil e teríamos as mesmas questões: a problemática se reduz exclusivamente ao material didático? Quais são os conhecimentos transmitidos pela escola? Por que causam tanta indiferença nos alunos?

* Mestre pela FEUSP e Membro da Equipe Técnica de Língua Portuguesa da CENP/ SE.

Quais são os fundamentos teóricos dos professores para o ensino de língua materna? O feitiço virou contra o feiticeiro. Aqueles que criticam o objeto se esquecem de relacioná-lo ao contexto.

As críticas são provenientes do meio acadêmico, em que a reflexão teórico-prática é sistemática. Alguns paradigmas educacionais, nas três últimas décadas, foram substituídos. As teorias de origem psicológica sobre como se adquire o conhecimento comprometeram referenciais anteriores e foram seguidas por uma visão sociointeracionista de aquisição da linguagem. As políticas educacionais de Estados e Municípios reverteram as discussões acadêmicas em propostas curriculares. Essas priorizam o trabalho com a linguagem de acordo com a função sociocultural presente no ato de interlocução, o respeito ao saber lingüístico do aluno, a motivação para a aquisição de novas experiências e vivências lingüísticas. O professor é elemento ativo na direção de sala de aula. Daí as dificuldades de construção de um material didático fechado, pronto para o consumo, massificado.

De sacrílego, o livro didático começa a ser revisto, inclusive pela academia, como objeto de reflexão. Em 1995, o Programa Nacional do Livro Didático incorpora inovações no âmbito de adoção. Inicialmente a FAE/MEC publica o documento intitulado *Definição de critérios para avaliação dos livros didáticos: 1ª e 4ª séries* (1994) analisando os livros mais adotados em território nacional. As críticas dos autores do documento apresentam um quadro bastante desconcertante do material consultado. O objeto é o foco da análise. A estratégia foi boa. Rapidamente, as editoras procuraram investir na revisão do material existente com a finalidade de adequar-se às proposições da FAE e poder participar do filão do mercado estatal.

No Estado de São Paulo, a adoção ocorre pela primeira vez de modo descentralizado, isto é, os professores indicam os títulos, a licitação é feita pela SEE e a distribuição ocorre ainda no ano de 1995 para uso em 1996. Além disso, as editoras se comprometem a enviar os títulos indicados no PNLD-SP para as Delegacias de Ensino, essas organizam encontros para subsidiar a adoção. A dinâmica procura criar alguns critérios para a adoção, à medida que a indicação deve estar relacionada ao projeto pedagógico da escola. A maior inovação fica por conta da abertura para indicação de módulos paradidáticos em substituição ao livro didático. Publica-se o documento *Manual para a indicação dos livros didáticos e módulos paradidáticos* (SE/CENP/FDE, 1995). Pela primeira vez o Manual apresenta critérios para adoção, baseados na proposta curricular.

Logicamente, nenhum livro existente no mercado corresponde totalmente aos critérios divulgados, todavia devido à reformulação feita pelas editoras, alguns títulos foram publicados, atendendo, dentro do possível, os requisitos previstos pela FAE. A mudança editorial surpreendeu, a qualidade do livro melhorou muito, desde a parte gráfica até a escolha de textos e propostas de atividades. "O bebê baba" perdeu espaço para os contos, poemas, quadrinhas, adivinhas. O objeto foi revisto.

2. A revisão do livro didático

Selecionamos alguns títulos que apresentam inovações e merecem ser analisados pelos professores:

LETRA VIVA: PROGRAMA DE LEITURA E ESCRITA. São Paulo, CENPEC/ Formato, 1994. Autores: Setubal, Lomonaco, Brunsizian. Prêmio Jabuti/ 1995. Volume único para 1ª série. Acompanha manual para o professor. Destaca-se o caráter experimental do livro, anteriormente testado em escolas estaduais. O volume destinado ao professor apresenta uma perspectiva teórico-prática dos autores e procura subsidiar e fundamentar o trabalho docente. O livro é dividido em áreas temáticas: "nomes, escola, rua, doces, etc." A apresentação gráfica é questionável, devido ao tipo de letra utilizado para crianças de 1ª série.

ESCREVER E CRIAR... É SÓ COMEÇAR! - A REDAÇÃO ATRAVÉS DO JOGO E DA LEITURA. São Paulo, FTD, 1993. Autores: Ruth Rocha e Anna Flora. Coleção composta por 4 volumes, destinados às quatro primeiras séries do Ensino Fundamental. Acompanha os livros para o professor por série, com indicações detalhadas das possibilidades de uso dos livros-base, inclusive mencionando leituras complementares. Os livros não mantêm uma linha única de ação e variam situações de uso da linguagem em diferentes perspectivas, explorando a tipologia textual. O falar sobre a escrita está presente em todas as atividades propostas. A brincadeira e o jogo com a palavra escrita são uma constante, transformando o "livro didático" em um manual interessante e motivador de leitura. Os nomes Ruth Rocha e Anna Flora, autoras consagradas da leitura infanto-juvenil, explicam em parte o projeto ousado da FTD. A apresentação gráfica é discutível, apesar da boa legibilidade e da qualidade das ilustrações, há um uso excessivo do colorido.

ALP: ANÁLISE, LINGUAGEM E PENSAMENTO: UM TRABALHO DE LINGUAGEM NUMA PROPOSTA SOCIOCONSTRUTIVISTA. São Paulo, FTD, 1991. Autores: Maria Fernanda Cocco e Marco Antonio Hailer. Coleção composta por 4 volumes, respectivos às quatro primeiras séries do Ensino Fundamental. Suplementado por livro do professor. Destaca-se a qualidade e adequação dos textos indicados para a leitura e o encaminhamento das atividades de linguagem. As propostas de exercícios permitem ao aluno interseções entre vivências de mundo e da linguagem. Boa apresentação gráfica. Não há colorido.

DESCOBRINDO E CONSTRUINDO. LÍNGUA PORTUGUESA. Belo Horizonte, Editora Lê, 1991. Autores: Angela Franco, Hêde Carvalho e Tereza Cristina. Coleção composta por 4 volumes, respectivos às quatro primeiras séries do Ensino Fundamental. Suplementado por livro do professor. De maneira geral estimula a aprendizagem das habilidades de ler e escrever, entretanto os textos escolhidos

para a leitura nem sempre estão relacionados à atualidade. Sugere atividades relevantes de reflexão sobre a linguagem. Os volumes são distribuídos em unidades temáticas, subdivididas em capítulos. Esses dividem-se em: “dialogando com o texto; ampliando o texto; brincando com o texto; ligando com outras matérias; produzindo o texto; observando e comparando; descobrindo as regras; desafiando o pensamento; e eles também escrevem”. A apresentação gráfica é boa. As ilustrações, às vezes, são caricaturais. Há cores diferenciadas nos títulos e figuras.

DA PALAVRA AO MUNDO. São Paulo, Atual, 1994. Autores: Maria do Rosário Gregolin e Cláudia Moreno Ghiraldelo, ambas professoras universitárias de Língua Portuguesa UNESP/ USP. Coleção composta por quatro volumes e acompanhada por suplemento para o professor. A proposta das autoras é o trabalho de leitura e produção de diferentes tipos de texto: cantigas populares, receitas, narrativas folclóricas, história em quadrinhos, fábulas, jornais, contos de fada, etc. A reflexão sobre os textos apresenta-se sob diferentes formas como jogos e pesquisas. Cada unidade é subdividida em: “preparação para a leitura, leitura, entendimento do texto, trabalhando com o texto, trabalhando com as palavras, observando a linguagem, trabalhando com a linguagem, brincando com a linguagem, agora faça o seu texto”. Boa apresentação gráfica, explorando as imagens e o colorido com contenção.

PRODUZINDO LEITURA E ESCRITA. Curitiba, Braga, 1994. Autores: Denise M. da Rocha e outras. Prêmio Jabuti/ 1994. Volume único acompanhado por livro do professor. Diversidade de tipos de textos e temas que procuram trabalhar com a motivação infantil de aprendizagem da linguagem escrita. Boa apresentação gráfica.

LER É GOSTOSO! CURSO MODERNO DE LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo, Moderna, 1994. Douglas Tufano e Pedro Bandeira. Coleção composta por quatro volumes, suplementada por manual do professor. Pedro Bandeira, consagrado na literatura infanto-juvenil, junta-se a Douglas Tufano, autor de livros para o 2º. grau, e criam uma coleção contraditória. Da perspectiva de Bandeira surge a variedade de textos para leitura, explorando o lúdico e a motivação, de Tufano vem o excesso de Gramática tradicional. Uma coleção mesclada com diferentes funções, mas que vale a pena ser conhecida e analisada. Boa apresentação gráfica.

3. E agora?

A mudança do objeto influenciará a prática de ensino do professor? A fetichização do livro didático nos parece uma constante. A epígrafe de Ilari (1992)* ainda permanece incompreensível para os educadores brasileiros:

* Ilari, R. In: *Proposta curricular para o ensino de Língua Portuguesa*. 4. ed. São Paulo: SE/CENP, 1992.

“Haverá ainda muito a mudar, antes que o ensino de Português possa ser o que deve - um processo no qual o professor e os alunos entre si, se enriquecem reciprocamente compartilhando sua experiência vivida de língua (...). Mas a mudança virá daqueles que vivem o ensino, não daqueles que especulam sobre ele. De dentro.”